ANAIS
Simpósio Internacional de Língua, Literatura e Interculturalidade (SIELLI) e Encontro de Letras
www.sielli.ueg.br
POSLLI
Câmpus Cora Coralina Universidade Estadual de Goiás
09 A 13 DE NOVEMBRO DE 2020

*UM MODO DIFERENTE DE CONTAR VELHAS ESTÓRIA*S: INCURSÃO LITERÁRIA PELOS *BECOS DE GOIÁS* COM CORA CORALINA NOS CAMINHOS DA MEMÓRIA E DAPOESIA

A DIFFERENT WAY OF TELLING OLD STORIES: LITERARY INCURSION BY THEGOALS OF GOIÁS WITH A CORALINE COLOR IN THE WAYS OF MEMORY AND POETRY

Giovana do Carmo Gonçalves Guimarães[1]
José Elias Pinheiro Neto[2]

Resumo:
Este trabalho analisa as representações do outro que estão apontadas em *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, escrito por Cora Coralina. A investigação busca interconexões da escrita de uma poeta que rompe com as barreiras do tempo e do preconceito com a realidade vivenciada nos becos delimitados por classes, apontando preconceitos, trazendo a visão do beco sob uma ótica de fragmentos de indivíduos anônimos e mostrando suas aflições, dores e dificuldades. Desta forma, são pesquisadas diversas personagens, tais como: a prostituta, as lavadeiras, os becos e os meninoslenheiros, que são pessoas de quem a poeta se recorda. Partindo das discussões teóricas a natureza desta pesquisa é descritiva qualitativa em relação ao objeto de estudo: o beco, com levantamentos de elementos da estrutura social, memória, tempo. E, ainda, em um método analítico e comparativo, pois há uma relação entre o sujeito lírico, num tempo, e a memória de muitas personagens articuladas num espaço ficcional, vivido e rememorado por Cora Coralina, por um caminho de cunho bibliográfico destacamos alguns autores: Bosi (1994), Kossoy (1999) Assmann (2011) e Candau (2019).

Palavras-chave: Beco. Memória. Resistência.

Abstract:
This paper analyzes the representations of the other. They are in *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, written by Cora Coralina. The investigation seeks interconnections of the writing of a poet who breaks the barriers of time and prejudice with the reality experienced in the alleys delimited by classes, pointing out prejudices, bringing the view of the alley from the perspective of fragments of anonymous individuals and showing their afflictions, pains and difficulties. In this way, several characters researched, such as the prostitute, the washerwomen, the alleys and the wood boys, who are
people whom the poet remembers. Starting from the theoretical discussions, the nature of this research is qualitative descriptive in relation to the object of study: the alley, with surveys of elements of the social structure, memory, time. And yet, in an analytical and comparative method, as there is a relationship between the lyrical subject, in a time, and the memory of many characters articulated in a fictional space, lived and remembered by Cora Coralina. A bibliographic way in which we highlight some authors: Bosi (1994), Kossoy (1999) Assmann (2011) and Candau (2019).

[1] Mestranda do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) pela Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina. (Goiás, Goiás, Brasil). E-mail: giovana_prof@hotmail.com.
[2] Doutor em Ciências Humanas pela Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). Professor na Universidade Estadual de Goiás, Programa de Pós-graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG). Integrante do Grupo de Estudo e Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa (GEPELLP/UEG). E-mail: joseeliaspinheiro@gmail.com.

Keywords: Alley. Memory. Resistance.

Introdução

Cora Coralina (1889-1985), pseudônimo de Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas, foi uma poeta e contista brasileira. Uma das mais importantes escritoras brasileiras, teve seu primeiro livro publicado em junho de 1965, quando já tinha quase 76 anos de idade, apesar de escrever seus versos desde a adolescência. Em suas memórias, e na percepção do próprio cotidiano, reconstruiu os becos, dando a eles significados afetivos e críticos. É neste sentido que encontramos motivação para propor um estudo sobre a forma como a doceira, a mulher, a poeta consegue, por meio de sua estética poética hibrida e informal, dar voz aos indivíduos marginalizados e silenciados por uma sociedade excludente.

A "menina feia" que se viu exilada pelo padrão de beleza da época, cresceu, se tornou adulta e envelheceu numa sociedade capitalista. Embora função social do velho deveria ser lembrar e aconselhar, essa sociedade, baseada no lucro, o desarma. Ela também desconstrói os apoios da memória e substitui o processo de informações do passado que são codificados e armazenados pela história oficial, e ainda, faz esse velho sobreviver sem projeto, impedido de lembrar e de ensinar, sofrendo as adversidades de um corpo que se desagrega a medida em que a memória vai se tornando cada vez mais viva, Eclea Bosi (1994).

Cora Coralina constrói sua história pela sensibilidade da poesia e pela naturalidade da sua prosa. Desta forma, apurando as metáforas colocadas nos becos de Goiás e nas suas personagens, por meio da iconografia/iconologia e da escrita, podemos observar os castigos dados às crianças como a palmatória e os cacos amarrados ao pescoço como forma de disciplinálos. Podemos verificar também as prostitutas tendo suas cabeças raspadas, sendo obrigadas a capinar as praças bem como atentar para a forma em que a igreja e as famílias tentam doutrinar estes corpos.

Caminhos para memórias dos becos

A escrita de Cora Coralina traz temas muito interessantes, como por exemplo: as relações entre mulheres livres e cativas, os elos entre as mulheres jovens e velhas e os costumes do interior goiano que trazem as famílias abastadas ou até mesmo as anônimas. O "errado de minha terra" ganha em seus versos à poética da vida. Assim, dialogando juntas, a escrita e a imagem, o simbolismo da vida na cidade de Goiás ganha espaço e no cenário literário com suas personagens. González (1989, p. 1) levanta essa questão de identificação e significação das imagens, ensinando que:

> La mera contemplación de una figura del pasado nos plantea dos cuestiones: identificación y significado. Las imágenes al poseer sus peculiaridades ofrecen en la misma configuración los elementos que se prestan al reconocimiento. Pues bien, todo lo que afecta al reconocimiento de la imagen es tarea de la iconografía; el desarrollo último del mensaje es misión de la iconologia

Estes locais que se tornam relacionais, na medida em que servem de possibilidades de trocas afetivas, são identitários, pois são a expressão das pessoas que nos becos viveram, carregando um valor simbólico, histórico, cultural e social. O beco nada seria sem suas personagens que dão animação a sua vivência. Ele lembra o ócio, mas também um esconderijo,

um local seguro.

Deste modo, os vários ambientes qualificados como becos descritos na literatura, na imprensa, nos documentos oficiais e nas imagens parecem partilhar de algumas características comuns. Os becos são vias secundárias, geralmente mais estreitos que as ruas principais, estão localizados tanto na área central da cidade quanto na sua periferia, às vezes sobre encostas, fazendo com que se tornem ladeiras famosas. São locais frequentemente associados à pobreza, à insalubridade e ao crime independente de sua localização central ou periférica.

Considerado pelo imaginário urbano como locais malditos, retratos de infâncias vividas em situação de desespero, representando espaços de ocupação rarefeita, pobre e, desta forma, espaços fechados e condenados moralmente. Pesavento (1999, p. 3) caracteriza os becos enquanto "lugares de enclave", escrevendo que:

> Na nominação dos espaços malditos, a linguagem da discriminação delimita estes territórios urbanos em duas instâncias: a dos "lugares de enclave", que os situa interpenetrados e lado a lado, com espaços da "cidade da ordem" e o dos "lugares da exclusão", que marcam uma espécie de cinturão pobre (e predominantemente negro) em torno da "verdadeira" cidade.

Sobre a retomada da escrita coralina em relação aos becos, buscamos em Joel Candau (2019), o entendimento de que a construção da memória vivida é individual e coletiva, havendo uma "memorialização" para a construção de uma identidade. Essa linguagem que arquiva as informações e organiza o pensamento se torna parte interativa da memória. E também em Mickael Pollak (1992), apontando que a memória é constituída por pessoas, personagens e lugares.

Ao ler os versos escritos por Cora Coralina colocamos a prova a nossa memória, porque a poeta toca a sensibilidade do leitor, podendo leva-lo a ressignificar suas emoções pordiversas motivações que o conduziram, dentro desses caminhos fictícios, ou não, criados pela poesia dos becos, aos seus locais de infância. Essas histórias de vidas narradas compõem mais que a identidade de uma personagem "a menina feia da ponte da lapa" representa outras mulheres, e, assim, a identidade coletiva memorizada, expondo a vivência por meio do comportamento, nomeando o passado e trazendo à tona pensamentos longínquos.

Como seres de linguagens e imagens reais ou imaginárias construímos a nossa identidade no decorrer da vida. Essa construção diária permite o uso de vários modos, a fotografia é um deles. Ela é a arte que permite registrar e reproduzir, através de reações químicas e, em superfícies preparadas para o efeito, as imagens que se tiram no fundo de uma câmara escura a vida que se faz clara. Esses registros nos permite um olhar diferenciado das cenas, partindo do conhecimento filosófico ou de realidade que o leitor possui. Esse foco faz um recorte de momentos vividos, reais, porém, esconde em suas entrelinhas o que a memória insiste em relembrar ou deixar no esquecimento, os cheiros e os sabores podem servir como exemplo.

Nosso presente retoma sempre o passado, vivemos um presente cheio de memórias que se projetam ou interferem no que vivemos. Isso nos faz refletir sobre a importância da memória, que constantemente é exigida, buscando explicações ou mesmo um porto seguro para um presente incerto. Assim, a memória navega no passado descortinando o esquecimento, trazendo à lembrança aromas, pessoas e lugares.

O beco lembrado, escrito ou fotografado, tem a especificidade de conduzir a memória de duas formas: objetiva a que se recorda dos locais e uma memória subjetiva. Desta forma,

ela, a memória, pode ultrapassar o entendimento humano, pois esses locais passam a guardar em si um significado expressivo de uma imagem que contribui para a organização dasrecordações.

Essas experiências de rememoração destes locais estão subentendidas de uma forma tão viva e aparente, dando a eles uma forma muito significativa por corporificarem uma continuidade de duração, que supera a recordação relativamente breve de indivíduos, épocas e também culturas, isso de acordo com Assmann (2011).

Esses locais estão dotados de uma força simbólica, as memórias tanto individuais quanto coletivas deixam de ser apenas geográficas para serem local de recordação e, agregadas aos sentimentos, bons ou ruins, guardam em si segredos íntimos. Assmann (2011) fala do afastamento da "concepção de mera reprodutividade e valida o princípio da reativação, reformulação e ressignificação" do que é lembrado.

A linguagem de Cora Coralina se faz palpável seus sentidos e sentimentos, por meio de sua poética, em relação aos becos, em que em tempos remotos esteve presente e agora é apenas revivido em sua memória, podemos, de modo fictício, adentrar nesses locais e senti- los. Uma vez que, "A memória nos dará esta ilusão: o que passou não está definitivamente inacessível, pois é possível fazê-lo reviver graças a lembrança" Candau (2019, p. 15). E é comessa lembrança associada a imagem que vamos percorremos esses becos. As iconografias destes locais são lidas numa associação entre imagem e representatividade.

Panofsky (2011) elaborou uma proposta de descrição da imagem fotográfica, que se divide em três níveis de interpretação para uma obra de arte: o primeiro, voltado ao significado primário ou natural, é o da descrição pré-iconográfica, esta descrição consiste na identificação de formas puras, bem como de objetos e eventos presentes na imagem. O segundo nível, voltado ao significado secundário ou convencional, é o da descrição iconográfica, diferente do nível anterior, consiste não somente na descrição pura e simples dosobjetos retratados, mas na ligação das composições da imagem com assuntos e conceitos. O terceiro e último nível, voltado ao significado intrínseco ou conteúdo, é denominado descriçãoiconológica esta descrição é definida pela descoberta e interpretação dos valores simbólicos presentes na imagem.

A Iconologia parte do pressuposto de uma orientação para a análise das representações subjetivas, tais como virtudes, vícios, sentimentos e paixões humanas implícitas em uma fotografia. Panofsky (2011) explica que o sufixo "grafia" deriva do verbo grego *graphein*, que significa escrever, relata também que é o que está "escrito" na imagem e assim, trata-se, portanto, de um método puramente descritivo, ou seja, "coleta e classifica a evidência, masnão se considera obrigada ou capacitada a investigar a gênese" (PANOFSKY, 2011, p. 53). Já o sufixo "logia" deriva de *logos*, que significa pensamento (razão). Iconologia, portanto, é um método

> [...] de interpretação que advém da síntese mais do que da análise. Assim como a exata identificação dos motivos é o requisito básico de uma correta análise iconográfica, também a exata análise das imagens, estórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica. (PANOFSKY, 2011, p. 54).

Embasado na termologia e na aplicabilidade descrita por Panofsky (2011), o pesquisador brasileiro Boris Kossoy (1999) adaptou a iconografia e a iconologia para as especialidades do universo fotográfico. Mantendo as definições aplicadas na observação das obras de arte, ele introduziu elementos e conceitos próprios, específicos para o estudo de fotografias. Partindo do pensamento de que toda imagem transporte em si um mistério que se esconde por trás da aparência pura e simples, pois está alocada em uma dimensão além da visibilidade registrada. O

pesquisador sugere a iconografia e a iconologia como duas linhas deanálise capazes de decifrar as informações explícitas e implícitas no documento fotográfico.

A iconografia seria a responsável pela reconstituição dos elementos visíveis que compõem a fotografia, enquanto ficaria a cargo da iconologia uma minuciosa recuperação das informações codificadas (invisíveis) dentro desta imagem. Trabalhar esse desenho com luz e contraste (fotografia) faz com que esse local, ligado às lembranças, seja representado de uma forma mais precisa, com mais riqueza nos detalhes. Significa

> [...] uma reflexão centrada no conteúdo, porém, num plano além daquele que é dado ver apenas pelo verismo iconográfico. É este o estágio mais profundo da investigação, cujos limites não são cristalinamente definidos. Não raro, o pesquisador se surpreende refletindo neste plano pós-iconográfico, buscando os elos para a compreensão da vida que foi. (KOSSOY, 2001, p. 95-96).

No caráter interpretativo da análise iconológica, a fotografia não consegue, sozinha, oferecer as informações sobre o passado. Assim aliada à lembrança torna-se possível reviver o que parecia estar em decomposição. Esse lembrar e esquecer faz parte do indivíduo e de sua coletividade. Pois sua lembrança é parte fundamental de sua identidade. Logo, uma análise iconológica é fundamental para que essa leitura se torne realmente possível dentro do cenário fotografado. E ela

> [...] situa-se no nível da imagem, a interpretação iconológica tem aí seu ponto de partida e estende-se além do documento visível, além da chamada evidência documental. Trata-se da recuperação de diferentes camadas de significação. A interpretação iconológica se desenvolve na esfera das ideias, das mentalidades. (KOSSOY, 2007, p. 55-56).

Trabalhando a linguagem, ao usar essas memórias como recursos expressivos para textualizar as experiências, Cora Coralina nos apresenta, em sua poética, sujeitos malditos, amaldiçoados pela sociedade repressora. Essas personagens eram conduzidas a esses becos, em que nesses espaços de má fama, com pessoas de má fama, habitavam personagens marcadas pelos traumas da exclusão, por desejos, sonhos e lembranças.

A poeta reconstrói uma memória, com experiências e saberes em uma poética composta de vozes dos homens, mulheres, meninos e becos que foram silenciados em uma sociedade em que a exclusão social era via de regra e cujo conhecimento chegou a Cora Coralina, pelo resgate da memória. Em sintonia com Candau (2019, p. 9) a memória é [...] “uma relação dialógica com o Outro. [...] uma reconstrução continuamente atualizada do passado”.

Cora Coralina (2006, p. 8), com a “Casa Velha da Ponte [...] Velho documentário de passados tempos, vertente viva de estórias e de lendas”, traz a visão do beco sob uma ótica de fragmentos e de indivíduos anônimos Ela mostra as aflições destas pessoas, dores e dificuldades de sobreviver em uma sociedade predominantemente preconceituosa, racista e machista.

De acordo com Vilas-Bôas (2009, p. 17) “Ana revolucionária, feminista, religiosa e líder política que enviuvou, viveu em terras distantes por 45 anos; plantou rosas e depois retornou à Goiás de sua meninice. Aos 76 anos, publicou seu primeiro livro [...]”. No resgate dos becos, Cora Coralina demonstra as personagens tais como a prostituta, as lavadeiras e os meninos lenheiros. Portanto, a partir do que explica Halbwachs (2006, p. 170), “não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura”. Dessa

forma, em Cora Coralina a memória coletiva se dá a partir dos becos, detudo que viu e vivenciou.

A poeta descreve as personagens de um universo de mulheres em condições desfavoráveis "a pobreza em toda volta, a luta obscura das mulheres goianas. No pilão, no tacho, fundindo velas de sebo, no ferro de brasas de engomar, aceso sempre o forno de barro.

As quitandas da salvação" (CORA CORALINA, 2001, p. 33), transpondo para a literatura toda a tensão intrínseca ao cotidiano dos que estão permanentemente submetidos à violência social. E de acordo com Britto (2008, p. 134)

> [a] Cidade de Goiás era constituída por uma sociedade em que o mundo oficial era ditado pelas práticas conservadoras das famílias que residiam nos largos e ruas principais, que elegeram os becos como locais dos segregados. Colocados à margem pelos dominantes, os becos constituíram a principal fonte de inspiração de Cora Coralina.

A poeta transporta de si, em seu poema *Becos de Goiás*, versos para expressar a recriação de uma vida em diversas passagens, suscitando, por meio dos becos, interpretações da vida social. E escreve "Beco da minha terra [...] / Amo a tua paisagem triste, ausente e suja" (CORA CORALINA, 2014, p. 92). Em outros versos, fala sobre as personagens marginalizadas que passam pelas ruas e becos. "E aquele menino lenheiro ele, salvo seja. / Sem infância, sem idade. / Franzino, maltrapilho" (CORA CORALINA, 2014, p. 93).

Elenca os becos existentes na cidade de Goiás, "Beco do Cisco / Beco do Cotovelo / Beco do Antônio Gomes / Beco de Taquaras / Beco do Seminário [...]" (CORA CORALINA, 2014, p. 93). Acrescendo sobre eles os comentários sociais, "[s]uspeitos, mal-afamados / Onde família de conceito não passava. / "lugar de gentinha" – diziam virando a cara. / De gente do pote d'água. / De gente de pé no chão. / Becos da mulher perdida" (CORACORALINA, 2014, p. 95).

De acordo com Britto (2008, p. 132), a memória na produção de Coralina é "uma memória espacializada, fossilizada no espaço, o espaço mnemônico da poeta seria o espaço da cidade de Goiás, mesmo quando seus textos privilegiam outros rincões brasileiros". O beco se funde no imaginário e nas construções como um lugar úmido, obscuro, uma situação sem saída na qual pessoas "sobrevivem" em suas histórias. Porém, tem seu caráter aconchegante, interativo, humano e pode ter várias fisionomias: sombrio e misterioso ou, ao mesmo tempo, tranquilo e pacato. É a representação de suas personagens e as suas experiências prazerosas vividas nas memórias da mãe Didi, da bisavó, a mestra Silvina.

A poeta transpõe sua dor em muitos *eus*, reconhece a dor do mundo dentro de si quando partilha dos mesmos sentimentos ao expressar em seu poema *Todas as Vidas*, dizendoviver dentro de si "uma cabocla velha", a "lavadeira do Rio Vermelho", a "mulher cozinheira", a "mulher do povo", a "mulher roceira", a "mulher da vida" e termina em dizer "Todas as vidas dentro de mim: Na minha vida – a vida mera das obscuras" (CORALINA, 2014, p. 134). Assim, mais do que um local, o beco é uma metáfora, se confrontando a todo momento na dualidade: abrigo e insalubridade.

Para Octávio Paz (1982, p.41), em *O arco e a lira,* a essência da linguagem seria simbólica porque representaria um elemento da realidade. A metáfora seria um exemplo disso, dessa maneira, o beco na poética de Cora Coralina ganha um outro sentido. "A palavraé um símbolo que emite símbolos". O beco não é apenas uma rua estreita e, às vezes, sem saída, tem sua especificidade e uma relação com a sociedade que o trata como refúgio ou como prisão.

As vozes de Aninha percorrem os becos, os becos da memória como uma fonte poética, e numa linguagem de rememoração fogem aos padrões do que é dito belo, "o podre", com os olhares de fora para dentro, e no qual Cora Coralina não se rende, demonstra a multiplicidade do eu poético numa vida sem fronteiras. É sobrevivente de uma classe dominante, e não rende a monotonia da repetição da história oficial, não se deixa ser invadida por outra história, por uma outra memória que rouba das primeiras o sentido, a transparência ea verdade, de acordo com Bosi (1994).

Britto (2008) afirma que a estética de Cora Coralina é "marcada por um aparente despojamento", e reflete o que Machado (2002) identificou em Lima Barreto como "sensibilidade sociológica", a partir deste conceito podemos, numa exposição do plano estético das produções da poeta, entender a importância de analisar a lírica coralina para compreender os espaços do beco, ela apresenta uma consciência real do seu fazer literário.

Cora Coralina é cantadora das vozes em seus poemas. A delatora de autoridades soberanas machistas, racistas, que conduziram para o beco aqueles que não cabiam em um processo capitalista. Desse modo, fez dos becos de sua terra o grande vintém de cobre, cantando com ternura todo o errado de sua terra, fala das dores, das mulheres-drama, da terra sombria, da cidade abandonada, dos meninos desprezados. Uma mulher que traçou, nasduzentas e trinta e quatro páginas do seu *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*, o mapa silencioso das personagens de sua terra.

A poeta descreve os becos com os que atuam em sua memória, cada um em sua particularidade, com seus sonhos e desamores. Apresenta em seu poema *Becos de Goiás* os versos das memórias de sua uma infância. Retira dos atuantes de sua estória o sofrimento e ao mesmo tempo o acalanto, como as flores do monturo, não se sabe qual cheiro sobrepõem ao outro, mas se sabe que ambos, tem sua essência. No fétido nasce a esperança. E o que antes era esquecido se tornara poemas na voz dessa mulher marcada pela longevidade voltada no final para a escrita da poesia memorialística de Cora Coralina. Na qual conta em seus versos oamor pelo "errado" de Goiás: "Amo e canto com ternura todo o errado de minha terra" (CORA CORALINA, 2014, p. 93).

Assim, muitas marcas vão sinalizando o beco, dentre elas o passar inevitável do tempo: "Na velhice dos muros de Goiás, o tempo planta avencas" (CORA CORALINA, 2014, p. 98). A sua importância "Becos da minha terra [...] Válvulas coronárias da minha velha cidade" (CORA CORALINA, 2014, p. 101), e, mesmo com seus monturos, mostra sua vegetação resistente que "enfloram sem o amparo de ninguém" assim como seus nativos; e a sua forma singular de ser "Bem estreito e sujo como compete a um beco genuíno. Esquecido eabandonado, no destino resumido dos becos, no desamor da gente da cidade" (CORA CORALINA, 2014, p. 110).

É possível entender que Cora Coralina tanto nutria um sentimento afável pelos becos de Goiás para deixar de lado o convencional e poetizar seus excluídos. Experiências sociais significativas na interpretação da poeta que apresenta uma denúncia pela vida é rememorada por ela. Uma memória cheia de significados, sendo reconstruídos em cada verso as personagens. Ela busca para dentro de si todas as vidas como num grito para ecoar cada uma delas em sua voz, travada na garganta desde sua infância:

> [...]
> Intimidada , diminuída. Incompreendida. Atitudes impostas, falsas, contradeitas. Repreensões ferinas, humilhantes.

> E o medo de falar...
> E a certeza de estar sempre errando... Aprender a ficar calada.
> Menina abobada, ouvindo sem responder.
>
> Daí, no fim da minha vida, Esta cinza que me cobre...
> Este desejo obscuro amargo, anárquico De me esconder,
> Mudar o ser, não ser, Sumir, desaparecer E reaparecer
> Numa anônima criatura
> Sem compromisso de classe, de família. (CORA CORALINA, 2014, p. 171)

Na investigação sobre a memória na obra da poeta podemos observar um espaço ficcional de resgate da memória da sociedade e que essa hesitação/tensão entre o vivido e o lembrado produz o texto poético que usa uma voz para recordar outras vozes. Aos 76 anos, aopublicar seu livro abre-o como quem pede licença:

> Este livro foi escrito por uma mulher
> que no tarde da Vida recria e poetiza sua própria Vida.
> Este livro
> foi escrito por uma mulher que fez a escalada da Montanha da Vida removendo pedras e plantando flores. Este livro:
> Versos... Não Poesia... Não,
> Um modo diferente de contar velhas estórias. (CORA CORALINA, 2014, p. 41)

A memória em Cora Coralina se caracteriza no recordar, atributo poético do lírico. Porém, o recordar em sua poesia é apenas um instante de recolhimento subjetivo de outras vozes. Ela dá voz a Cora Coralina e Aninha que são redutos para uma tentativa de afastamento, de ficcionalização para escutar, em sua solitude, a voz da sua cidade, de seus becos, é aquela que conquista outras vozes para incorporá-las ao território do seu próprio eu lírico. Compondo uma memória não só de Ana Lins, mas testemunho de uma coletividade deixada à margem, devido as suas diferenças e excluídas do sistema.

Nessa circunstância a voz do eu é um outro, ao bel-prazer do vibrar da poesia, na qual Cora Coralina fora do centro, das regras sociais se apropria dos becos de sua terra, expondo os pobres, humilhados, embasando-os com a sensibilidade de uma mulher-artista. De acordo com Bosi (1994, p. 34), ao dar a palavra a vozes que foram silenciadas, seu livro grita: “aqui vocês nada podem tocar e nada podem destruir”.

Cora Coralina, em seus escritos, nos permite, nas informações descritas, enxergar uma trajetória social de silenciados por uma ordem representativa. Ela nos conduz a um discurso de mulheres, crianças e velhos ausentes dos acontecimentos sociais, trazendo em suas “entrelinhas” a denúncia dessa ausência imposta e a possibilidade de preenchimento desses silêncios em sua expressão escrita.

Considerações finais

A poética de Cora Coralina propicia-nos reconhecer em suas escritas uma fonte distinta de conhecimento das relações histórico-sociais. Em uma exploração literária pode-se perceber que a seu modo, retrata a sociedade em que viveu, e, em um rearranjo, evidencia aspectos e as personagens de um tempo e lugar que foram condenados ao esquecimento.

São vozes que denotam tristeza, sombridão, tenebrosidade, dos humildes, desconhecidos

e ignorados. Estes, que protagonizaram esse imaginário, forneceram uma forma diferenciada de refletir sobre a imagem do beco. Um local à margem da sociedade que passa a ser visto como um lugar do centro de vidas, de sonhos, de expectativas, de mudança e de transformação.

A poeta com o intuito de consentir um novo posicionamento crítico, insere os marginalizados em uma poesia-resistência. Uma forma simbólica de não sucumbir aos discursos dominantes, definindo as características do beco a partir de suas rememórias e retratando as hierarquias, o modo dominante, preconceituoso e excludente direcionado aos `marginalizados`.

Referências

ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: Formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2011.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRITTO, Clóvis Carvalho. Amo e canto com ternura todo o errado da minha terra: literatura e sociedade em Cora Coralina. In: BRITTO, C. C.; SANTOS, R. **Escrita e Sociedade** – Estudos de Sociologia da Literatura. Goiânia: Editora da UCG, 2008.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. 1. ed., 5ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2019.

CORALINA, Cora. **Poema dos becos de Goiás e estórias mais**. 23. ed. São Paulo: editora Global, 2014.

_____. **Estórias da Casa Velha da ponte**. 13. ed. São Paulo: editora Global, 2006.

GONZÁLEZ, Juan José Martín. **Iconografía e iconología** como métodos de la historia del arte. Cuadernos de Arte e Iconografía, II/3, 1989. Acesso em: 10/09/2020, http://www.fuesp.com/pdfs_revistas/cai/3/cai-3-3.pdf

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.

_____**Fotografia e história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Os tempos da fotografia***: o efêmero e o perpétuo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

PANOFSKY, Erwin. *O significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Lugares malditos: a cidade do "outro" no Sul brasileiro (Porto Alegre, passagem do século XIX ao século XX). São Paulo. In: **Revista Brasileira de História**, vol. 19, n. 37, Setembro, 1999.

PAZ, Octavio. **O Arco e a lira.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

POLLAK, Michael. **Memórias e identidade social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. vol. 5, 1992.

VILAS-BÔAS, Ieda. *Cora Coralina*: A mulher-poeta e suas múltiplas vozes. 130f. Dissertação (Mestrado em: Teoria Literária) - Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília – UNB, Brasília, Julho, 2009.